

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA VANDA EDINA FEITOSA

**CAUSAS E EFEITOS DA INDISCIPLINA
NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

CAJAZEIRAS/PB

2010

MARIA VANDA EDINA FEITOSA

**CAUSAS E EFEITOS DA INDISCIPLINA
NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dr^a. Zildene Francisca Pereira.

CAJAZEIRAS/PB

2010



F311c Feitosa, Maria Vanda Edina.
Causas e efeitos da indisciplina no 4º ano do ensino fundamental I / Maria Vanda Edina Feitosa.- Cajazeiras, 2010.
38f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Indisciplina escolar. 2. Aluno indisciplinado. 3. Relação professor - aluno. 4. Aprendizagem. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.5

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente ao meu pai pela paciência e compreensão;

À minha mãe (in memóriam) sempre presente em espírito de luz, por todo amor dedicado em vida;

À minha sobrinha, Bárbara, pelo carinho, apoio, incentivo e por acreditar na minha capacidade;

Aos meus irmãos, por poder contar sempre com eles.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela luz, força e coragem, que, em sua magnificência e amor de Pai, esteve sempre ao meu lado nessa árdua caminhada;

À minha família, a quem devo tudo o que sou, pelo carinho, incentivo e apoio, fundamental para que eu vencesse os obstáculos que surgiram ao longo dessa caminhada;

À minha orientadora, Professora Ms. Zildene Francisca Pereira, pelo incentivo, paciência e fundamental apoio na orientação deste trabalho;

À Professora Elionita Almeida Sá por se dispor sempre a ajudar a quem dela precise, e também pela sua competência na correção deste trabalho.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram e incentivaram a seguir em frente;
Agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta, com a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa monográfica intitulada: Causas e efeitos da indisciplina no 4º ano do Ensino Fundamental I foi realizada em uma escola pública municipal no distrito de Iara/ CE com cinco alunos. Esta pesquisa procura responder ao seguinte questionamento: o que leva alunos a terem comportamentos considerados inadequados em sala de aula? Tem os seguintes objetivos: identificar possíveis causas que levam alunos a serem indisciplinados e discutir as prováveis conseqüências da indisciplina em sala de aula. Para a elaboração do referencial teórico nos baseamos nos seguintes autores: Aquino (1998); Moll (1996); Rebelo (2002); Moço (2009), dentre outros. A monografia está dividida em três capítulos assim organizados: no primeiro capítulo, apresento a concepção de indisciplina de alguns autores os quais nos apresentam diferentes formas de compreendermos as causas e conseqüências deste tema para a relação professor-aluno e conseqüentemente para o processo ensino-aprendizagem. No segundo capítulo, temos como procedimento metodológico, apresentar os instrumentos utilizados para a coleta dos dados que foram: observação da sala de aula e entrevista semiestruturada; a importância desses dois tipos de instrumentos para a realização da pesquisa de campo; critérios de escolha da escola e dos participantes. No terceiro capítulo destacamos a análise dos dados, a partir da compreensão dos alunos acerca da indisciplina. Podemos concluir, mesmo que parcialmente, que a indisciplina põe em risco a realização de um trabalho diferenciado em sala de aula, assim como não favorece o processo ensino-aprendizagem e que este é um problema que tem afetado instituições escolares tanto públicas, quanto privada. A questão da indisciplina em sala de aula é um tema que vem preocupando educadores, desafiando estudiosos do assunto e conturbando o cotidiano escolar. Percebemos, a partir das falas dos participantes da pesquisa que a indisciplina é causada por fatores internos e externos à escola e que se faz urgente compreendermos as causas e conseqüências desta, para a aprendizagem escolar de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

Palavras – chave: Indisciplina; Ensino-aprendizagem; Relação Professor-aluno.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1 Indisciplina no contexto escolar.....	9
2 Procedimentos Metodológicos.....	21
3 Análise dos Dados.....	26
Considerações finais.....	35
Referências bibliográficas.....	37
APÊNDICE A.....	38

INTRODUÇÃO

A indisciplina é um fator presente nas escolas, sejam elas públicas e/ou privadas, sendo um fenômeno universal, pois atinge alunos em diferentes culturas e classes sociais, podendo decorrer de vários fatores, como por exemplo: desestrutura familiar, relação professor-aluno, falta de interesse em estar no ambiente escolar, dentre outros.

A questão da indisciplina, no contexto escolar, gera entre gestores, professores e pais de alunos inúmeras inquietações, por ser um tema que ainda é discutido superficialmente, embora seja um assunto que permeia a ação pedagógica diariamente.

A escola tem suas normas e regras pré-estabelecidas, que orientam tanto o seu bom funcionamento, quanto a convivência entre as pessoas que nela atuam, pois o cumprimento dessas regras norteia as relações estabelecidas no cotidiano escolar. Regras que poderão ser pensadas e organizadas coletivamente para que todos se sintam responsáveis pelo seu cumprimento.

Assim como a sociedade, a escola também tem suas normas e regras a serem cumpridas. A aceitação e o cumprimento destas é que dão a condição necessária para o convívio social, possibilita o diálogo e a cooperação entre os sujeitos envolvidos na ação educativa. Cumprir normas e regras pré-estabelecidas nos possibilita compreendermos os limites impostos de maneira positiva.

Após entender que a indisciplina faz parte do cotidiano de várias escolas, especialmente considerando que também sou docente é que delineei esta pesquisa. Esta partiu da necessidade de aprofundamento teórico acerca da temática e de um maior entendimento de experiências vivenciadas em sala de aula, como professora, as quais foram desagradáveis, pelo fato de, no início da prática docente, não ter, ainda, o manejo de classe, a tão conhecida experiência.

Como todo início de carreira, a docência também é um desafio, principalmente porque ao iniciá-la não sabemos como lidar com diferentes alunos e contextos, por esta razão é imprescindível conhecer suas causas e conseqüências. Dessa forma, delineei o problema de pesquisa assim descrito: O que leva alunos a terem comportamentos considerados inadequados em sala de aula? A partir destes questionamentos responderei aos seguintes objetivos: identificar possíveis causas

que levam alunos a serem indisciplinados e discutir as prováveis conseqüências da indisciplina em sala de aula.

Segundo Aquino (1998), o grande desafio dos profissionais da Área de Educação é fazer com que os alunos tenham uma permanência constante na escola e evoluam de maneira significativa no processo de aprendizagem do saber sistematizado.

É necessário que não haja generalização quanto ao comportamento dos alunos tidos como problemáticos, pois não se pode afirmar que uma criança que seja mal comportada em casa se torne um sujeito indisciplinado em sala de aula, nem mesmo que o comportamento inadequado de um aluno, com determinado professor, seja o mesmo com todos os outros.

Esta monografia está dividida em três capítulos assim distribuídos: no primeiro, abordo a indisciplina na visão de alguns autores, os quais nos dão subsídios teóricos para compreendermos as causas e conseqüências desse tema que além de abrangente é motivo de preocupação para educadores de diferentes instituições e áreas.

No segundo capítulo, apresento o procedimento metodológico destacando: instrumentos utilizados para a coleta dos dados – observação e entrevista semiestruturada e a importância desses dois tipos de instrumentos para a realização da pesquisa de campo, apresento, ainda, os critérios de escolha da escola e dos participantes, pontuando o perfil de cada sujeito escolhido.

No terceiro capítulo, destaco a análise dos dados coletados a partir da entrevista semiestruturada, momento em que apresento a compreensão dos alunos acerca da indisciplina.

1 Indisciplina no contexto escolar

A educação, no mundo contemporâneo, passa por uma crise, da qual não sabemos exatamente as razões. Notamos que a falta de um diálogo aberto e franco entre professores e alunos tem gerado inúmeras insatisfações em ambos, o que de certa forma, poderá acarretar comportamentos inadequados nos alunos considerados indisciplinados em sala de aula.

Esta crise, que vem se estendendo durante muito tempo, se apresenta agora comprometendo a qualidade do processo ensino-aprendizagem e o crescimento pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos na educação. Essa compreensão é confirmada por Aquino (1998, p.1) quando diz que

O indício mais evidente dessa 'crise' é que boa parte da população de crianças que ingressam nas escolas não consegue concluir satisfatoriamente sua jornada escolar de oito anos mínimos e obrigatórios; processo este que se convencionou nomear como 'fracasso escolar.' [...] um considerável número de pessoas à nossa volta [...] parece ter uma história de inadequação ou insucesso para contar.

Esta crise nos faz pensar no quanto é importante fazermos uma retomada na compreensão do papel do professor, sua função e sua prática no cotidiano escolar, refletindo sobre os limites e as exigências do trabalho docente. Muitas vezes, faz-se necessário indagarmos sobre o que é possível conservar e/ou transformar no cotidiano escolar, especialmente considerando as demandas atuais relacionadas à escolarização de crianças de diferentes idades.

Aquino (1998, p. 378), ao se referir às várias queixas dos educadores, relacionadas ao convívio na sala de aula, diz que as mais freqüentes são "[...] a alegação de 'problemas de relacionamento interpessoal' em sala de aula. Indisciplina, revanchismo e apatia são alguns sintomas levantados pelos educadores." Isso dá ao professor uma sensação de desconforto, quando o aluno se mostra sem um mínimo de respeito, nem consideração, quando não reconhece o profissional, muitas vezes, dedicado, responsável e comprometido com a qualidade do ensino. O que ocorre, muitas vezes, em sala de aula é o confronto direto entre educador e educando. Para Aquino (1998, p. 378), "um confronto que poderia ser

até salutar, mas não tem sido." Além disso, esses confrontos acontecem, em muitos casos, devido a pouca credibilidade que se tem nas instituições públicas.

Essa falta de credibilidade tem afetado a imagem da escola, do professor e, por conseguinte gera mal-estar no trabalho docente, deixando o professor inseguro e se sentindo incapaz de realizar um trabalho condizente com o esperado, pois inúmeras são as cobranças: dos pais, da gestão da escola, da comunidade e dele próprio que se culpabiliza por todos os males que ocorrem na sala de aula, principalmente, ao chegar o final do ano e perceber que o aluno não avançou nas atividades propostas.

Uma das causas da indisciplina, percebidas a partir das leituras realizadas, é a falta de participação da família no contexto escolar dos seus filhos. Muitos pais se omitem por acharem que o professor tem obrigação de ser educador, orientador e disciplinador. Nem sempre percebe que o professor sozinho não consegue realizar um trabalho que favoreça a aprendizagem do aluno. É necessário que haja cooperação de todos os envolvidos no ambiente escolar.

Tomando como pressuposto que a escola, educadores e família devam partilhar regras da boa convivência e que a escola não deve ser vista como algo isolado da comunidade, faz-se necessário, buscarmos estratégias para amenizarmos este problema que tem afetado a escola. Segundo Aquino (1998, p. 380)

[...] a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos tornam-se duas faces de uma mesma moeda, representando ao mesmo tempo os dois grandes males da escola contemporânea, bem como os dois principais obstáculos para o trabalho docente.

Alunos considerados indisciplinados, bagunceiros ou desinteressados, deverão ser analisados com cuidado, para que o professor conheça as causas que levam esses alunos a agirem de tal forma. Percebemos que, nem sempre, esse tipo de comportamento é real nas escolas, embora seja um discurso tantas vezes defendido.

É imprescindível que sejam levados em conta, na sala de aula, o contexto de cada aluno, suas experiências particulares com relação ao conteúdo estudado, pois este é o momento em que o professor passa a conhecer melhor seus alunos a partir de sua história de vida.

Se partirmos para o entendimento do que seja a indisciplina, a partir do Dicionário Luft (2000, p. 386) veremos que é a "Falta de disciplina; desordeiro;

anarquista.” Já a disciplina tem o sentido oposto, segundo esse mesmo dicionário, ela significa: “[...] 2. Procedimento conveniente ou ordem requerida para o bom funcionamento de uma organização. 3. Regra; método. 4. submissão a um regulamento. [...] (LUFT, 2000, p. 386).

Apresentar, inicialmente, o que seja a disciplina e a indisciplina, no dicionário, nos abre um leque de entendimentos, especialmente quando levamos essa compreensão para os acontecimentos na sala de aula. Rebelo (2002, p. 53) nos apresenta a compreensão do que seja a disciplina quando diz que “[...] é entendida como construção interna que colabora com a busca da autonomia intelectual, fator importante para a libertação do homem.”

Segundo a autora, o educador tem uma grande responsabilidade que é o de identificar a indisciplina, para que possa melhorar suas condições de trabalho e também a relação com seus alunos. Essa identificação só será possível se ele analisar os diversos conceitos de indisciplina, porque alguns professores que consideram como indisciplinados aqueles alunos que dormem em sala de aula, ou conversam, tirando a atenção dos outros alunos, ou ainda levam revistas para folhear em sala de aula. Para os menos conservadores, essas atitudes podem ser consideradas como dispersão ou até mesmo dificuldade em concentrar-se, diferenciando-se os entendimentos.

Indiscutivelmente, a presença de uma autoridade em sala de aula, se faz necessário para que a educação sistematizada aconteça e se concretize, mas para que ela também se efetive é preciso estabelecer regras e exercer limites, não como instrumento de castração, mas como meio para dar condições a uma convivência pacífica, tanto em sala de aula como fora dela.

Segundo Rebelo (2002) é preciso exercer a disciplina em sala de aula sem exagerar na autoridade. Não confundir autoridade com autoritarismo, já que os dois têm sentidos diferentes, mas, o professor precisa se impor diante de situações que exigem auto controle de suas emoções, saber o momento certo de agir em determinada situação.

Percebemos que a indisciplina é um grande problema que vem pondo em risco tanto a construção do processo de ensino-aprendizagem, quanto a relação professor-aluno. A questão da indisciplina em sala de aula é um tema que preocupa todos os educadores, desnortando nosso cotidiano escolar e colocando em xeque o

desenvolvimento das atividades escolares, pela dificuldade em trabalhar conteúdos com diferentes alunos de diversos contextos.

Um dos aspectos que podemos relacionar à indisciplina, é o fracasso do aluno que está relacionado, muitas vezes, ao entendimento do professor do que seja um comportamento inadequado ou não para a sala de aula. Para Moll (1996), falta um plano de políticas públicas que atenda às necessidades básicas do Ensino Fundamental; que torne viável o acesso e a permanência de alunos na escola. Esta ainda é vista por muitos como uma instituição excludente; essa exclusão prejudica o conceito que se tem de Escola, a sua significação para o processo do desenvolvimento intelectual e social do educando.

Na escola se começa o processo de aquisição de conhecimento sistematizado a partir do seguimento de normas e regras pré-estabelecidas, nem sempre elaboradas coletivamente. Sabemos que a criança, ao chegar ao ambiente escolar, traz consigo experiências do contexto em que está inserido, mas nem sempre é levado em consideração por diversas razões: o professor não está preparado para lidar com as inúmeras dificuldades apontadas por alunos, tem que dar conta de todo conteúdo programado, pela falta de diálogo, dentre outros motivos.

Com relação ao fracasso escolar, segundo Moll (1996, p.37), os supostos motivos que levam os indivíduos a esse tipo de problema, são variados:

[...] a explicação para o fracasso escolar está vinculado às diferenças individuais na 'capacidade de aprender.' As crianças que não aprendem na escola são consideradas portadoras de déficits mentais, sensoriais ou neurológicas, com problema de ordem perceptual, motora, lingüística, afetiva ou intelectual.' Não aprender' relaciona-se a problemas eminentemente pessoais e, assim sendo, em última instância, é o responsável pelo fracasso escolar.

A autora relata que para explicar o motivo do fracasso escolar nas escolas, foram feitos testes em escolas públicas de Ensino Fundamental, para medir a qualidade do rendimento escolar em alunos com os tipos de problemas citados acima. Moll (1996) apresenta três tipos de abordagens, que explicam o fracasso escolar na visão de alguns autores. Carraher apud por Moll (1996, p.37), diz que na abordagem psicologicista

[...] existem sinais de uma forma de inteligência e conseqüente proposição de uma distinção entre inteligência acadêmica e

inteligência prática para a compreensão de o comportamento inteligente.

Moll (1996), quando apresenta a discussão da abordagem biologicista, diz que este fator está relacionado à disfunção biológica e à desnutrição, este último visto até pouco tempo, como uma das supostas causas do fracasso escolar. Segundo a autora, foram realizados estudos em torno dos fatores neurológicos, que comprovaram que esses afetavam a aprendizagem, principalmente, as crianças pobres.

Quanto ao fracasso escolar ser motivado pela desnutrição, isso se generalizou devido a compreensão do senso comum, que começaram a relacionar a deficiência de aprendizagem à desnutrição. Mas, Patto apud Moll (1996, p.40-41), desfaz esse entendimento, pois

Estamos num país de desnutridos, sim. Mas estamos também num país em que as crianças morrem às centenas de milhares, antes de completar um ano de idade. [...]. Exatamente por isso, colocar na desnutrição a causa do fracasso escolar não tem muito substrato, pois a criança severamente desnutrida dificilmente chega aos 7 anos de idade e dificilmente tem acesso à escola.

Como podemos notar, a desnutrição não pode e nem deve ser vista como causa emergente do fracasso escolar; é claro que uma criança que está com fome, pode não se interessar pela aula, não se concentrar, mas existem outros fatores que poderão acarretar o seu fracasso. Nesse caso, devemos levar em conta a condição socioeconômica dessa criança, que contribui para o déficit de aprendizagem. Quanto a essa compreensão, Moll (1996, p.41) afirma que: "A questão nutricional não pode ser analisada por si só, é preciso considerá-la no contexto das condições socioeconômicas que a produzem."

A terceira abordagem para explicar o fracasso escolar é a culturalista, que, segundo Moll (1996, p. 43),

A cristalização dos pressupostos da análise da carência cultural legitima a vitória de uma classe social – com sua visão de mundo, linguagens, costumes, modus vivendi – sobre outra. Em outras palavras, 'a cultura' das classes privilegiadas economicamente é tomada como universal e considerada normal, correta e superior, a ser 'copiada' e 'imitada' pelas outras classes sociais.

Para essa autora, a escola ajuda a tornar legítimo o papel das classes dominantes, pois estas suprimem as classes populares, fazendo-os perder seus

próprios valores culturais. A maioria reage de forma violenta a esse tipo de opressão, ou agressão moral, sendo rotulados de indisciplinados, desordeiros e incapazes de conviver com outros indivíduos num mesmo espaço físico.

Algumas escolas tendem a considerar normal esse tipo de relação e passam a internalizar no aluno, a sua condição de submissão, de ser subjugado à superioridade cultural e social da classe dominante. Quanto a essa questão Moll (1996, p.42) diz que

[...] crianças que não progredem na escola são produto de um ambiente sócio-culturalista desfavorecido, pobre em situações de estimulação, que interfere negativamente no desenvolvimento lingüístico, cognitivo e psicomotor destes indivíduos.

Segundo a autora, essa análise na abordagem culturalista sobre o fracasso escolar, derruba as análises das abordagens anteriores, pois para Moll, (1996, p. 44)

A escola legítima e veicula padrões de comportamento das classes dominantes, submetendo os filhos das classes populares a um processo aculturador no qual seus valores, expressões e atitudes são corrigidos ou até sumariamente substituídos.

Segundo a autora, a escola precisa urgentemente rever e analisar seu papel, diante do que ela reproduz, ou seja, a desigualdade de classes, mesmo que de forma indireta e mascarada, pois as condições de vida dos alunos de baixa renda, e o rendimento escolar, infelizmente, estão inter-relacionados, e estes colocam em foco os supostos motivos que levam ao fracasso escolar e, conseqüentemente, à exclusão.

A autora pontua que todas as abordagens apresentadas como supostas causas do fracasso escolar, demonstram "um discurso de 'patologização da pobreza' que precisa ser superada." (MOLL, 1996, p.45). Essa superação deve acontecer de forma segura, revertendo essa situação. A escola deve levar o saber para todos os indivíduos, não importando sua condição social ou econômica, o que tem de ser valorizado são os saberes historicamente construídos por eles.

Ao analisar o contexto das relações sociais desenvolvidas em sala de aula, a autora diz que ainda perdura o individualismo que dificulta a concretização da solidariedade entre os grupos, desrespeitando as normas disciplinares em sala de aula. Freitas apud Moll (1996, p. 45) nos afirma que

[...] as relações sociais desenvolvidas na sala de aula, são marcadas pelo poder arbitrário da professora e pelo incentivo à ação individualista, condição suficientes para manter as crianças dependentes desse poder que as transforma em objetos 'educáveis'.

É importante que ocorra em sala de aula uma boa relação professor/aluno para que o processo ensino-aprendizagem seja efetivado. O professor, antes de tudo, deverá ser um incentivador, estimulador da aprendizagem, da interação e da integração entre ele e os alunos e destes com os demais colegas, favorecendo um ambiente harmonioso, onde se possa trabalhar os conteúdos sistematizados, bem como manter-se uma relação de respeito entre ambos. Rebelo (2002, p.51) com relação ao papel do professor em sala de aula diz que

[...] o papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo já que, usando de sua autoridade democrática, cria, em conjunto com alunos, um espaço pedagógico interessante, estimulante e desafiador, para que nele ocorra a construção de um conhecimento científico significativo.

Segundo a autora, quando há uma relação de diálogo e compreensão entre professor e aluno, onde é dado espaço para que cada um possa falar, criar, se movimentar, permitindo ao aluno construir também seu próprio conhecimento, então o desenvolvimento na aprendizagem ocorrerá de forma espontânea e natural.

Com relação à indisciplina escolar, a autora diz que, “[...] não é só representada pelas manifestações ativistas, mas também pelas atitudes passivas dos alunos, pois tanto uma quanto a outra são encaradas como denúncia da insatisfação social [...]” (REBELO, 2002, p.51).

Rebelo (2002) em seu livro “Indisciplina Escolar: Causas e Sujeitos” faz duas abordagens acerca da indisciplina; uma relacionada à concepção bancária e a outra na concepção problematizadora. Na concepção bancária, o ensino é focado no professor e nos conteúdos, onde não é respeitado o tempo nem o modo de aprendizagem do aluno. Nesta concepção, o aluno é trabalhado para aceitar tudo o que é imposto pelo professor, ele não pode se manifestar, pois, quando isso acontece, passa a ser visto como indisciplinado, o chamado ‘aluno-problema’, fugindo à regra convencional do aluno submisso e obediente.

Segundo Rebelo (2002, p.44), “a instituição escolar, atendendo às necessidades da sociedade disciplinar, propõe desde cedo, o controle e a domesticação da criança,” ou seja, a criança é preparada desde cedo para obedecer e cumprir ordens, sem que seus interesses sejam considerados ou respeitados. Com relação à concepção bancária a autora afirma que

[...] por meio da relação vertical do professor com o aluno, da organização espacial das salas de aula e da prática docente de transmissão de conteúdos e dos exercícios de fixação, são favorecidos

o controle e a formação de corpos dóceis e vazios, para que possam ser encheidos de valores e conhecimentos para a conservação da ideologia da classe hegemônica. Como reação a esse tipo de ensino, as manifestações dos alunos são entendidas e tratados isoladamente como indisciplina. (2002, p. 52)

Para a autora a saída para superar a indisciplina é a concepção problematizadora, pois esta tem como foco principal o diálogo entre professor e aluno, sem imposição de normas e diz ainda que, assim como a disciplina pode controlar ou pode libertar o sujeito, a indisciplina tem efeito contrário, ela pode ser ato de desobediência ou um ato de denúncia, tudo depende do modo como cada pessoa a vê.

A concepção problematizadora "tem como principal objetivo, a libertação do homem." (REBELO, 2002, p.50). Esta concepção está baseada na teoria Freireana. A autora diz que esta concepção "deve ser prática constante no espaço escolar como meio de superação da indisciplina [...]" (REBELO, 2002, p. 52).

Dessa forma, a relação professor/aluno, segundo a autora, deve ser valorizada e respeitada, procurando nessa relação, desenvolver a participação, a cooperação entre os grupos e, principalmente, a consciência crítico-reflexiva no aluno. A 'educação problematizadora' possibilita mudanças fundamentais para o desenvolvimento do aluno. Ela é vista como uma saída para que este ganhe autonomia na busca do próprio conhecimento e desenvolvimento intelectual e social (REBELO, 2002).

Se na concepção bancária, as manifestações dos alunos, quando falam, questionam e se movimentam em sala de aula são comportamentos entendidos, pelos professores, como indisciplinados, na concepção problematizadora, esses comportamentos são considerados como construções internas, como libertação do indivíduo, porque este pode se utilizar de sua liberdade, desde que obedeça aos padrões e limites concernentes à escola, para se expressar, questionar sempre que houver necessidade, pois agindo assim o aluno passa a compreender que poderá ter idéias próprias e conhecimento acerca do assunto discutido em sala de aula a partir da elaboração de questionamentos ou até mesmo passa a entender que está em processo de aprendizagem.

Sabemos que diante de uma situação-problema, precisamos questionar e rever nossos posicionamentos a respeito da indisciplina. Aquino (1998, p. 04) argumenta que:

Na própria maneira de entender o fenômeno disciplinar, podemos observar que as hipóteses explicativas empregadas usualmente acabam reiterando alguns preconceitos, muitos falsos conceitos e outras tantas justificativas para o fracasso e a exclusão escolar.

O autor nos apresenta uma análise voltada para o entendimento de três hipóteses para explicar as possíveis causas que levam alunos a serem indisciplinados. A primeira delas diz respeito ao aluno desrespeitador. Aquino (1998, p. 04) ao se referir a primeira hipótese, diz: "o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente." Segundo Aquino este é o pensamento de muitas pessoas, pelo fato de as escolas do passado utilizarem a punição, a represália, a submissão e o medo como forma de disciplinar o aluno, exigindo respeito. E a escola contemporânea em sua compreensão é mais flexível.

Sabemos que numa relação, seja de pais e filhos e/ou professor-aluno, o respeito é essencial, embora saibamos, ainda, que nesta última apenas o respeito não é condição suficiente para o bom andamento do trabalho educacional será necessária a consideração de outros aspectos como: uma boa relação professor-aluno, o diálogo, o entendimento dos processos psicológicos que passam os alunos, dentre outros.

Aquino (1998) pontua que podemos respeitar uma pessoa por admirá-la ou por temê-la, e que entre esses dois tipos de respeito há uma grande diferença. Ele ainda complementa que antes, o aluno respeitava por medo da punição, hoje em dia o respeito não pode ser fruto desse medo, e sim, do reconhecimento da autoridade e autonomia em sala de aula, do profissional docente.

A segunda explicação é do "aluno sem limites". Conforme Aquino (1998, p. 05) o senso comum prático diz que: "as crianças de hoje não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos". Para ele as crianças que entram na escola, já conhecem as regras de funcionamento de grupos, pois quando elas participam de brincadeiras ou jogos, neles as regras são bem claras, quem infringir ou burlar tais regras, será punido ou até mesmo expulso da brincadeira ou jogo.

Vimos mediante as leituras que os alunos adquirem o entendimento do que sejam as regras a partir das brincadeiras e, bem antes de ingressarem na escola,

embora as regras no ambiente escolar sejam mais exigentes e diferenciadas, pois temos também o cumprimento de deveres como uma maneira de favorecer a harmonia no espaço educativo.

Quanto à falta de limites, Aquino (1998) diz que muitos professores consideram responsabilidade dos pais por serem permissivos demais, e isso afeta o trabalho do professor. Pontua, ainda, que a função da família é educar a criança para que compreenda o que é viver em sociedade com todas as suas regras e limites e a função da escola é levar o conhecimento sistematizado para todos. Aquino (1998, p. 06) diz que:

[...] o que está em foco é a ordenação da conduta da criança, por meio da moralização de suas atitudes, seus hábitos; no caso da escola, o que se visa é a ordenação do pensamento do aluno, por meio da reapropriação do legado cultural, representado pelos diferentes campos de conhecimento [...].

Para o autor o professor não deve se colocar no papel de pai e esquecer o seu papel de educador, pois é tarefa da família moralizar o aluno e o principal objetivo do educador é levá-lo a buscar e produzir seus próprios conhecimentos sistematizados a partir da socialização existente na escola.

A terceira explicação é a do aluno desinteressado. Aquino faz todo um relato sobre esta terceira hipótese, diz que o entendimento de muitos professores é de que: "para os alunos, a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação, e particularmente o apelo da televisão..." (1998, p. 07). Segundo o autor, este é um raciocínio voltado mais para a metodologia, merecendo, portanto, ser analisado com cuidado. Os meios de comunicação como a televisão o rádio, o jornal, o computador, funcionam como fonte de entretenimento ou lazer. E que a escola...

[...] é lugar de trabalho árduo e complexo, mas nem por isso menos prazeroso... Por essa razão, assim como afirmamos anteriormente que professor não é pai e o aluno não é filho, é preciso acrescentar: o professor não é um difusor de informações, e muito menos um animador de platéia, da mesma forma que o aluno não é um expectador ou ouvinte. Ele é um sujeito atuante, co-responsável pela cena educativa... (AQUINO, 1998, p. 08).

Para Aquino, a mente humana não é um lugar onde depositamos diferentes informações, mas um local capaz de processá-las e, "Não apenas 'ingerimos' informações, mas as 'digerimos', e isso é o que nos torna diferentes uns dos

outros...” (AQUINO, 1998, p. 08). Podemos destacar que algumas pessoas têm mais facilidade de aprender conteúdos sistematizados e/ou até mesmo absorver determinadas informações do que outras, e essa compreensão faz toda diferença.

A partir dessa discussão, podemos destacar alguns tipos de indisciplina do ponto de vista educacional, a partir do entendimento do tipo de comportamento considerado inadequado para a sala de aula, quando os alunos: deixam de fazer a atividade, gritam com o professor e colegas, são inquietos (saem o tempo todo da sala), batem ou xingam os colegas, mesmo sem motivo, agem com agressividade, conversam assuntos que não se referem ou se contextualizam com o assunto abordado na hora da aula e aqueles alunos.

O aluno que grita, bate, é agressivo com colegas e professores, (mesmo que estes sejam comportamentos causados por fatores externos à escola) são considerados atos de indisciplina e inadequados para a sala de aula, especialmente, porque lidamos com diferentes sujeitos de espaços também diferenciados e em muitos casos, professores não sabem como lidar com problemas oriundos dos espaços particulares dos alunos.

Todos esses aspectos mencionados fazem parte do cotidiano escolar, diariamente, e quando não são dialogados passam a tomar uma proporção maior do que a necessária, dificultando o andamento das atividades em sala de aula e, conseqüentemente, contribuindo, ainda mais, para a indisciplina.

Estes aspectos afetam diretamente a aprendizagem e desenvolvimento da criança, pois ela ainda não sabe lidar com certos tipos de sentimentos despertados pela família ou por outras pessoas e, não entender determinados assuntos a incomoda, causando um sentimento de frustração e incapacidade de permanecer em sala de aula, sem antes compreender determinados fatores.

É importante salientar a importância de trabalharmos o cumprimento das regras e limites da escola, tanto as morais, quanto as convencionais, pois faz parte da função do professor que estas sejam difundidas em sala de aula para o bom funcionamento da escola, especialmente considerando o respeito e cumprimento dessas regras e limites.

Em pesquisa realizada com professores de todo o país para saber qual era o maior problema enfrentado em sala de aula, estes apontaram a indisciplina, seguido da falta de atenção como um dos aspectos mais problemáticos. A autora Vichessi, responsável pela reportagem: O que é indisciplina, na Revista Nova Escola (2009),

destaca as principais causas da indisciplina, como forma de desfazer alguns mitos em torno desse tema. A primeira delas, segundo a autora é que as crianças precisam aprender o valor das regras, pois é tarefa do professor ensinar aos alunos a importância dessas regras para o convívio social.

Segundo Torguetta apud Vichessi (2009, p. 80): “Esperar que os pequenos, de modo espontâneo, saibam se portar perante os colegas e educadores é um engano. É abrir mão de um dever docente [...]”, pontua, ainda que muitos educadores esperem que a formação moral seja responsabilidade somente da família, e que apesar de boa parte ser, realmente, feita pela família, a escola enquanto espaço socializador de conhecimentos e que propicia diferentes relações, precisa também ajudar na formação moral dessas crianças, por isso, cabe ao professor trazer sempre esse tema para debate em sala de aula e vivenciar situações que propiciem o entendimento de determinados comportamentos.

Todos esses aspectos elencados ao longo da discussão nos fazem perceber o importante papel do trabalho coletivo – família, escola, sociedade em geral – para que possamos desenvolver no ambiente escolar uma prática educativa voltada para o aprendizado sistematizado dos conteúdos e além disso termos uma convivência harmoniosa e respeitosa, favorecendo o processo ensino-aprendizagem numa compreensão mais ampla.

2 Procedimentos Metodológicos

Reconhecendo que a indisciplina é um fator presente nas escolas e que a cada dia, esse problema se agrava mais, tornando-se um fenômeno universal que atinge todas as instituições educacionais, sejam elas públicas ou particulares é que realizamos esse estudo com o intento de compreendermos o que leva alunos a terem comportamentos considerados inadequados em sala de aula. Responderemos aos seguintes objetivos: identificar possíveis causas que levam alunos a serem indisciplinados e discutir as prováveis conseqüências da indisciplina em sala de aula.

Realizamos uma pesquisa de campo com a utilização dos seguintes instrumentos: observação da prática pedagógica e dos relacionamentos existentes em sala de aula e entrevista semi-estruturada. Com relação às fontes de informações fomos a campo realizar entrevistas com 05 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, os quais foram escolhidos pelo professor, considerando assim, a possibilidade de termos contato direto com o objeto de estudo.

Desta forma, a pesquisa foi realizada numa Escola pública municipal de Ensino Fundamental, localizada no distrito de Iara-Barro-CE. A escola funciona nos dois turnos, com turmas de 1º ao 5º ano pela manhã e 6º e 7º ano à tarde, perfazendo um total de 180 alunos.

Na primeira visita à escola, para escolha dos participantes da pesquisa, fomos recebidos pela Coordenadora Pedagógica com muito carinho, ela foi atenciosa e cordial, nos conduziu à sala de aula do 4º ano. Lá, o professor também nos recebeu com satisfação. Após as apresentações iniciais, pedimos ao professor que escolhesse cinco (05) alunos para participarem da entrevista.

Os alunos foram selecionados pelo professor através do nome na lista de freqüência de forma alternada. Não temos clareza se a escolha dos alunos foi intencional ou não, pelo fato de alguns alunos se mostrarem mal-comportados. Ao terminar a escolha dos nomes, agradecemos ao professor a sua colaboração, e a coordenadora que também nos acolheu com delicadeza.

Na segunda visita à escola, fomos recebidas da mesma forma pela Coordenadora Pedagógica e logo em seguida, nos dirigimos à sala de aula; em poucas palavras, relatamos o motivo da nossa visita. Pedimos ao professor que

liberasse os alunos escolhidos para participarem da pesquisa para que os entrevistasse. Quanto à forma utilizada na entrevista, fugiu ao padrão esperado, que era o uso do gravador, mas não foi possível utilizá-lo, pois não conseguimos quem o emprestasse, tivemos que redigir à mão, na hora da entrevista, todas as informações, o que inviabilizou, de certa forma, acompanharmos as reações corporais e posturais dos participantes.

Embora este tenha sido um momento um tanto desagradável pela falta do gravador, não foi difícil realizar a escrita, pois os alunos falavam lentamente, procurando as palavras certas, e isso facilitou a escrita. A seguir mostraremos, superficialmente, o perfil de cada participante da pesquisa, considerando que todos moram no distrito de Iara-Ceará. Os nomes e as idades que utilizaremos são fictícios, garantindo o anonimato de todos os participantes.

O primeiro a ser entrevistado foi José, de nove anos. Aparentemente, ele é calmo, tranqüilo, fixou o olhar no caderno de anotações e ia respondendo as perguntas com prontidão, apesar de notarmos a sua ansiedade. Ele gosta de brincar com os amigos, em casa, de andar de bicicleta, também gosta de estudar. Esse aluno foi escolhido de última hora pelo professor, pois o aluno escolhido, anteriormente não pôde estar presente.

O segundo participante foi o aluno, Cícero, de dez anos. Segundo o professor, ele é um "bom aluno", se este tiver um acompanhamento adequado terá um futuro brilhante. Podemos destacar, a partir da nossa observação, que este participante se mostrou nos dois extremos ora estava calmo, ora apreensivo. Para ele, aquela entrevista era algo novo, diferente. O que gosta de fazer nas horas vagas é brincar de carro e de escrever. Faz todas as tarefas e desenha muito bem. Parece ter uma boa relação com o professor e colegas.

O terceiro entrevistado, é do sexo feminino, se chama Ana de dez anos, nos pareceu calma, mostrou-se um pouco envergonhada e assustada, mas respondeu a todas as perguntas. Notamos um pouco de nervosismo, mas era normal, já que para ela, ser entrevistada era algo novo, diferente da rotina diária da escola. Ela gosta de estudar e de brincar. Depois que passou o nervosismo, ela começou a se mostrar mais à vontade e respondeu a todas as perguntas de maneira mais confiante, sempre olhando para um ponto fixo, mas, ainda assim, aparentou timidez.

O quarto participante é também do sexo feminino, seu nome é Laura, ela tem dez anos. No decorrer da conversa a participante nos pareceu agitada e nervosa,

com dificuldade de entender as perguntas, era preciso explicá-las e repeti-las mais vezes para que pudesse entender. Ela gosta de brincar com as irmãs e as primas; gosta também de andar de bicicleta, arrumar a casa e ajuda a mãe nos afazeres domésticos, mas disse não gostar de estudar.

O quinto e último aluno entrevistado foi Carlos, tem doze anos, está fora da faixa etária é repetente, tem dificuldades de leitura (escreve e não lê). Segundo o professor, este aluno não tem um bom comportamento, é um aluno que não obedece, é agitado, não se concentra na aula e ainda atrapalha os colegas. No decorrer da entrevista vimos que este tem dificuldades de concentração, pois demorava a responder as perguntas, ficava pensativo, era preciso repeti-las várias vezes. Enquanto entrevistava os outros alunos, ele dava um jeito de estar por perto, observando, saindo da sala sempre. Ele não estava incluído na lista dos participantes, mas pela falta de outro aluno, ele foi incluído. Disse-nos que não gosta de estudar, mas o que gosta mesmo é de ajudar o pai na roça, cortando madeira, fazendo cerca.

A entrevista foi realizada na secretaria da escola, por não ter um espaço mais adequado. A escola, na qual a pesquisa foi realizada, é vista pela comunidade como uma escola-problema, justamente pela indisciplina dos alunos, que não respeitam professores e, quase diariamente, estão transgredindo as regras e normas estabelecidas pela escola.

A escolha do campo de pesquisa deu-se por intermédio de diálogos acerca da escola, com pais e professores, considerando que os alunos são agressivos, rebeldes e até mesmo violentos, chegando ao extremo de agredir professores e os próprios colegas de sala. Observamos que a maioria desses alunos vêm de famílias desestruturadas, financeiramente e emocionalmente, o que contribui para que eles desenvolvam um comportamento agressivo.

Para a realização da pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada que segundo Neto (1994, p. 57) "Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos autores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa..." Para o autor a entrevista pode ser feita individualmente ou de maneira coletiva, isso vai depender da forma como o pesquisador trabalha, e que através desse procedimento pode-se obter dados objetivos ou subjetivos.

Uma entrevista bem elaborada e bem planejada é de fundamental importância para que o entrevistador obtenha o resultado esperado. Lüdke e André (1986, p. 38) enfatizam que “Quanto mais preparado estiver ele, quanto mais informado sobre o tema em estudo e o tipo de informante que irá abordar, maior será, certamente, o proveito obtido com a entrevista.”

A observação, outro instrumento que utilizamos aconteceu através do contato direto entre pesquisador e o objeto a ser pesquisado e a observação dos relacionamentos entre professor-aluno e aluno-aluno, assim como a dinâmica de sala de aula, porém, antes desse contato, o pesquisador precisa preparar o material a ser usado na investigação. Lüdke e André (1986, p. 25) enfatizam que:

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

O primeiro passo para se fazer uma boa observação é planejar com antecedência o que se vai observar e como deverá ser feita essa observação. Patton (1980) apud Lüdke e André (1986, p. 26) enfatiza que

[...] para realizar as observações é preciso preparo material, físico, intelectual e psicológico. O observador, diz ele, precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações.

A observação por ser um método muito utilizado pelo pesquisador, ajuda na aproximação deste com o objeto de pesquisa. Sendo assim, o observador deve, impreterivelmente, utilizar técnicas que facilitem a observação e registro de tudo que for observado. Como por exemplo, fazer anotações escritas e gravar tudo o que foi observado ao seu redor, desde a descrição detalhada dos sujeitos, do ambiente, até o comportamento. Inclusive, se pode (e deve) fazer uma reflexão pessoal acerca do que foi observado, e deixar registrado também para facilitar o momento da análise dos dados.

Lüdke e André (1986, p. 32) afirmam que “A forma de registrar os dados também podem variar muito, dependendo da situação específica da observação.” Para as autoras é importante que o observador, antes de começar a registrar o fato observado a partir da entrevista, marque o dia, a hora, o local e o tempo de duração, pois isso facilitará o seu trabalho. Vimos que a observação e a entrevista são os

instrumentos estratégicos convencionais mais utilizados pelos investigadores para realizarem seus trabalhos.

Vale ressaltar que é a partir do olhar inquiridor e sagaz do pesquisador que começa a tomar forma o trabalho de pesquisa, pois a riqueza de detalhes que devem vir contidos nele é fundamental, pois é importante se conhecer de perto os sujeitos, objeto de estudo do pesquisador.

É de fundamental importância que o entrevistador mantenha com o entrevistado uma relação de respeito mútuo, de interação e cooperação, só assim passará confiança, deixando o entrevistado à vontade para falar, se expor. Saber ouvir o outro, sem interrupções, é essencial, garantindo um trabalho de campo eficaz.

A entrevista deve ocorrer de maneira espontânea e natural, portanto é interessante que o entrevistador deixe o entrevistado à vontade para falar, sem interrompê-lo; que ele dê total liberdade do outro de se expressar à sua maneira. Segundo Lüdke e André (1986, p. 35)

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente.

As autoras citadas resumem muito bem, na citação acima, como deve ser a relação entre entrevistador e entrevistado. Para elas, além do respeito pelas experiências dos informantes, é preciso saber ouvir, como já foi falado antes, não interferir nas respostas, para não parecer que estamos coagindo o outro. Três aspectos se fazem necessários nesta relação pesquisador-pesquisado: o respeito, a confiança e o companheirismo para que o pesquisador tenha credibilidade no seu trabalho de pesquisa e assim, obtenha sucesso na coleta dos dados.

3 Análise dos Dados

Considerando que a indisciplina é um fator sempre presente no processo educacional, como já foi mencionado, várias vezes, no decorrer do texto, dificultando, muitas vezes, a prática pedagógica, em sala de aula, atrasando o ensino/aprendizagem e afetando, dessa forma, a competência e credibilidade do professor, é que buscamos compreender, através das falas dos participantes desta pesquisa o que pensam sobre a indisciplina, a partir de cinco questões. As questões ligadas à indisciplina são amplas e complexas, pelo fato de pertencerem à natureza humana, e, por isso mesmo, são difíceis de entendê-las. Estas questões devem ser estudadas e analisadas com cuidado para não se corra o risco da generalização dos fatos ocorridos em sala de aula.

Sentimos a necessidade de estudarmos alguns autores e aprofundarmos os conhecimentos acerca do tema indisciplina, mesmo sabendo que este é abrangente, por se tratar de comportamentos diversos, referentes à pessoa humana, particularmente a alunos no contexto escolar. É imprescindível conhecermos o histórico de vida do educando, para que possamos desenvolver um trabalho condizente com as experiências e compreendermos o porquê da existência de tantos comportamentos inadequados em sala de aula.

É importante salientarmos que o modo como entendemos a indisciplina nos impõe uma série de problemas relacionados à prática pedagógica, e que ela interfere não somente nos tipos de interações na sala de aula, mas também na forma como estabelecemos os objetivos que desejamos alcançar.

A Escola é um espaço onde as relações devem acontecer de forma pacífica e amistosa, mesmo tendo consciência de que as pessoas que dela fazem parte, se comportam, pensam e agem diferentes umas das outras. Esta compreensão não é ruim, muito pelo contrário, é o que possibilita a riqueza nas trocas de experiências e discussões em sala de aula.

Antes de iniciar a entrevista, conversamos com cada participante sobre o significado da palavra indisciplina, para que eles tivessem pelo menos uma noção da utilização desse termo, embora tenhamos falado de uma maneira que eles pudessem entender do que se tratava.

Quando indagados sobre o que os participantes da pesquisa entendiam por indisciplina¹, ficaram um pouco apreensivos, mas, responderam mesmo inseguros. Notamos que alguns desses alunos eram tímidos, talvez fosse pelo fato de estarem sendo entrevistados por alguém que não fizesse parte do seu convívio escolar. De acordo com as respostas pudemos identificar, nas falas, a seguinte compreensão acerca da indisciplina, quando dizem que ser indisciplinado é quando

[...] o aluno é muito danado". (José)

[...] tem um aluno na sala que dá trabalho, responde ao professor; é um aluno que dá trabalho. (Cícero)

[...] é um menino que é muito teimoso e danado. (Ana)

[...] é dizer palavrão; quando o aluno diz coisas com o professor e com os colegas. (Laura)

[...] eu não sou comportado, mexo com os meus colegas. (Carlos)

Como vimos, as respostas dos alunos, em sua maioria, foi de que o aluno "danado" e "inquieta" é considerado um aluno indisciplinado. Na fala de Cícero, percebemos que sua resposta, a de que ser indisciplinado é dar trabalho, deve-se ao fato de que os alunos saem da sala sem a permissão do professor, por não fazerem as atividades propostas e por xingar uns aos outros, desviando a atenção dos demais alunos na sala de aula.

Carlos também respondeu de forma realista, se colocando como exemplo de aluno mal comportado. De certa forma, ele deu significado ao termo indisciplina, ao mostrar-se como exemplo em sala de aula.

Quando a relação professor-aluno em sala de aula ocorre apenas a partir do repasse de conteúdos e de um que sabe tudo e do outro que está no ambiente escolar, apenas para aprender este tipo de comportamento dificulta a compreensão dos alunos e favorece, de certa forma, o comportamento indisciplinado. É claro que, o professor não pode, e nem deve ser aquele tipo opressor, autoritário, mas, sim ele deve ser aquele que orienta, educa, ensina com exemplos concretos. Segundo Freire (2005, p. 67)

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão

¹ As perguntas do roteiro de entrevista se encontram no Apêndice A.

sempre o que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.

É preciso, diante da postura assumida pelo professor em sala de aula, fazer uma reflexão acerca de como o educador deve agir, de que forma deve conduzir uma sala de aula, considerando as experiências diversificadas dos educandos. Segundo o autor, o educador deve fazer com que os discentes sejam vistos como protagonistas em sala de aula, valorizando os saberes e conhecimentos que trazem consigo; e não assumindo, em sala de aula, o papel de professor 'sabe-tudo', aquele que será o único detentor dos conhecimentos.

O que podemos observar é que a maioria desses alunos vem de famílias desestruturadas, tanto financeira quanto emocionalmente, portanto, é necessário que o professor possa orientar seus alunos da melhor maneira possível, no que diz respeito às regras e limites para conviver socialmente. Para Aquino (1998, p. 07)

[...] a indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono ou à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir de seu papel evidenciado concretamente na ação em sala de aula que eles podem ter clareza quanto ao seu próprio papel de aluno, complementar ao do professor. Afinal, as atitudes de nossos alunos são um pouco da imagem de nossas próprias atitudes. Por esta razão, talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar e como uma resposta, portanto, ao que se oferta ao aluno. Enfim, a indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções.

De acordo com Aquino, o professor precisa refletir e repensar seu próprio papel como professor, analisar a maneira como ele orienta seus educandos, porque não é só repassar conteúdos, mas, essencialmente, prepará-los para a vida, a partir das suas próprias experiências, mostrar que a aprendizagem acontece partindo do direcionamento de suas ações, ou seja, que é preciso saber ouvir e direcionar o que ouviu. O professor necessita mediar o diálogo existente em sala de aula e envolver o aluno nas atividades, de forma que ele se sinta parte importante nessa relação, ao passo que deve ser interativa e construtiva.

De acordo com Aquino (1998) é imprescindível que haja cumplicidade entre professores e alunos na hora de executar as atividades, que o educador ofereça aos seus educandos a oportunidade de mostrar seus conhecimentos de mundo e de suas vivências cotidianas.

Muitos alunos vêm de uma relação familiar conturbada, repletas de incompreensões e intolerâncias; os pais, em sua maioria, também não têm nenhuma

formação, são pessoas carentes e desinformadas, que não compreendem as necessidades de seus filhos. Quanto a isso, Aquino (1998, p. 06) diz: "Segundo boa parte dos professores, a família, em certa medida, não estaria ajudando o trabalho do professor, pois as crianças seriam frutos da desestruturação, do desamparo e do abandono dos pais [...]".

Para Aquino (1998, p. 06) "[...] precisamos recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo claramente os papéis de pai e de professor." Conforme o autor, o papel da família é a moralização da criança e o do professor é levar o conhecimento sistematizado ao aluno. Ele ainda acrescenta que as duas instituições, quais sejam, família e escola, apesar de se complementarem, elas são diferentes na forma de educar, nos objetivos e em suas 'raízes'.

Entender que tanto o professor quanto os alunos têm o seu papel em sala de aula é imprescindível, portanto, devem desfrutar da política da boa convivência, para que essa relação possa frutificar.

Quando indagamos aos participantes da pesquisa se a indisciplina atrapalha a aprendizagem em sala de aula, todos os alunos foram taxativos, disseram que sim, atrapalha. Vejamos as respostas de cada um.

Sim, atrapalha, fazendo zoadas. (José)

Atrapalha, batendo nas coisas, xingando; não consigo entender o que o professor diz por causa do barulho. (Cícero)

Sim, quando o aluno chama palavrão, conversa e não faz a atividade. (Ana)

Atrapalha quando conversa e briga na sala de aula. (Laura)

Atrapalha, quando não escuto o professor. (Carlos)

De acordo com as falas dos alunos, percebemos que o barulho provocado por eles mesmos e pelos colegas na sala é um dos elementos que atrapalham o processo de ensino/aprendizagem. Dentre as respostas dadas pelos entrevistados, estavam as brigas, as conversas, pancadas nas portas e carteiras, a troca de xingamentos, etc. Todos esses elementos estão relacionados ao barulho.

Diante das respostas dos alunos, percebemos que eles têm consciência de que o barulho atrapalha o rendimento escolar e que dificulta também o trabalho pedagógico do professor, levando-o à exaustão mental. A partir das falas notamos

que falta orientação em sala de aula, seguida de bons exemplos, mostrando a importância de se fazer silêncio na hora da exposição de conteúdos e da explicação, pois, é neste momento que deve acontecer a interação entre professor e aluno, momento em que as dúvidas surgem e vão sendo esclarecidas.

É de suma importância que o professor trabalhe com seus alunos de forma envolvente, fazendo-os participar ativamente da aula. A criança se interessa por atividades criativas, que lhes deem prazer, então o professor precisa estar atento para inovar as aulas e assim chamar a atenção dos alunos.

A maneira que os alunos se colocaram diante da pergunta nos impõe pensar na necessidade de inovações e estratégias motivadoras que os levem a uma aprendizagem significativa e a melhorar o comportamento.

O aluno busca, muitas vezes, chamar a atenção conversando alto, bagunçando, brigando, xingando, então compete ao educador utilizar recursos que modifiquem tais comportamentos e a maneira de conduzir o ensino, de levar conhecimento a esses educandos, inserindo-os no contexto da sala de aula a partir de estratégias de atividades que possam chamar a atenção e fazê-los se sentirem responsáveis também pelo processo de aprendizagem.

De acordo com a compreensão de Moço (2009, p.08) a bagunça em sala de aula atrapalha o rendimento dos alunos e

[...] em momentos conturbados na sala de aula você tem de manifestar desagrado com relação a comportamentos inadequados. Quando um aluno insiste em conversar sobre o fim de semana durante a explicação de uma atividade, não basta fazer pequenas mudanças, como colocar a carteira do bagunceiro ao lado da sua mesa, como forma de castigá-lo e continuar a aula normalmente. Isso não ajuda a resolver o problema em si, nem leva a turma a aprender. É preciso chamar a atenção, mas sempre com respeito e mostrando que o grupo é que está sendo prejudicado, e não apenas você, pessoalmente. Tratar o estudante dessa forma faz com que ele também perceba como agir, em momentos de conflito.

O autor diz, de forma clara e precisa, que não basta o professor tomar providências superficiais, como punir o aluno que está bagunçando, mas que é necessário conversar com o educando de maneira que transmita respeito e confiança, mostrar para ele que bagunçar e desrespeitar o seu ambiente de estudo não vai levá-lo a lugar algum, nesses casos o diálogo é fundamental.

Quando realizamos a pergunta sobre os motivos que os levam a ter um comportamento indisciplinado em sala de aula, alguns não souberam ou não quiseram dizer o motivo, mas mesmo assim disseram:

[...] não fazer o dever; eu tenho um problema em casa com meus primos. (José)

Não tenho nenhum. (Cícero)

Quando não faço a atividade, porque estou com preguiça. (Ana)

Quando eu quero me comporto; os outros alunos é que me levam a fazer isso. (Laura)

Não sei dizer. (Carlos)

A fala do aluno, José, deixa claro que o ato de rebeldia em não fazer a atividade implica em ser um aluno com problemas de comportamento. Ao citar que tem problema com os primos, isso é compreensível, pois são crianças que estão sempre divergindo nas brincadeiras, mas é importante pontuar que esse aspecto tem afetado diretamente a relação com os colegas, refletindo no seu comportamento em sala de aula.

A partir da resposta de Ana, ficou claro que ela nem sempre está disponível para obedecer ao que pede o professor. Já a resposta de Laura demonstra ter consciência de seu comportamento inadequado e ainda coloca parte da culpa pelo mau comportamento nos colegas, como forma de se isentar da responsabilidade pelo modo como se comporta.

Segundo o professor, Carlos é um dos alunos que tem um comportamento mais problemático. Ele tem dificuldades em se relacionar com alguns colegas, está sempre provocando, não respeita ninguém, e não consegue se desenvolver, pelo fato de permanecer mais fora do que dentro da sala de aula. Ele não soube responder o que o levava a se comportar de forma inadequada, mas, observamos que este aluno tem clareza do que faz, pois todas as suas respostas, anteriores e posteriores, mostram isso claramente, quando ele assume ser indisciplinado. Segundo Vichessi (2009, p. 79) "O comportamento inadequado do aluno não pode ser visto como causa da dificuldade para lecionar. Na verdade, ele é resultado da falta de adequação no processo de ensino".

Para reforçar o que foi explicitado, Aquino (1998) afirma que, quando uma criança chega à escola, já traz consigo essas regras bem explícitas, pois ao

participar das brincadeiras com colegas da comunidade, a qual ela está inserida, essas regras são claras e, caso sejam desrespeitadas, os participantes serão punidos, ficando fora da brincadeira. Fica evidente que, a criança não desconhece as regras impostas, sejam elas aplicadas na escola, em casa, ou na rua, mas nem sempre cumprem o que é determinado.

Quando perguntamos se o comportamento em casa é o mesmo de sala de aula, os participantes responderam que sim, vejamos:

Sim, eu faço o dever em casa e na sala de aula. (José)

Sim, tenho o mesmo comportamento. (Cícero)

Não. Tem vez que eu não faço o dever em casa, mas na sala de aula eu faço todos os deveres. (Ana)

Não, porque mãinha não deixa eu fazer o que quiser. (Laura)

Sim. Na sala de aula, é que fico saindo direto e o professor acha ruim, fica ruim pra eu aprender e pra ele ensinar. Em casa sou ruim também. Bato nos meus irmãos. Eles mexem comigo, eu mexo com eles, aí começa a briga. (Carlos)

Diante das respostas dos alunos, podemos perceber que eles têm clareza do tipo de comportamento que assumem em casa e na escola. Pela fala do aluno José, podemos concluir que ele não dá muito trabalho ao professor, colaborando com este em sala de aula. Já a resposta do aluno Cícero, foi positiva, como já se esperava, mediante sua fala durante toda a entrevista. Cícero, como já foi dito antes, é considerado pelo professor, um bom aluno, sempre prestativo e colaborador. Já na fala de Ana, notamos que ela se interessa em fazer todas as atividades em sala de aula.

Laura tem noção de que não se pode fazer o que quiser e na hora que tiver vontade. Ela deixa isso bem claro na sua fala quando diz que a mãe não a deixa fazer o que ela quer, pelo menos em casa, Laura parece ter limites e sabe respeitá-los. Seria bom se esse limite se estendesse até a escola, assim facilitaria o trabalho do professor. Concluimos que ela faz em sala de aula, aquilo que tem vontade de fazer em casa e lhe é proibido.

De acordo com a exposição de Carlos, afirmamos que ele tem clareza do seu comportamento. Ele é um aluno inquieto, não passa muito tempo na sala, sai o tempo todo, mesmo que o professor reclame ainda assim, ele não obedece. Essa

maneira de agir tem dificultado sua aprendizagem na escola. Em casa, diz se comportar da mesma forma, demonstrando ter um comportamento agressivo.

Conforme as respostas podemos afirmar que esses alunos precisam de uma maior orientação que os levem a refletir sobre suas ações, as causas e as conseqüências de tais comportamentos, especialmente, considerando que essa maneira de agir em casa e em sala de aula poderá interferir na aprendizagem escolar e no relacionamento com o professor e colegas de sala. Para Moço (2009, p. 88)

Os problemas de comportamento podem ser um jeito de as crianças mostrarem a você que uma regra é desnecessária ou não está funcionando. Em outras situações, elas esperam chamar a atenção e solicitar que você se aproxime e se interesse pela idéias delas. [...] Cada aluno, em diferentes situações, coloca sempre novos desafios. Ele necessita de referências e de orientação. O que ele espera é ajuda para pensar. É importante que alguém – na escola, você – coloque as regras, até que efetivamente convictos, crianças e jovens possam gerenciá-las e, de forma autônoma, viver bem em sociedade.

De acordo com o autor, as crianças têm os pais como referência e modelo para se espelharem em casa, e alguns professores na escola. É importante que os pais saibam qual é o seu dever e responsabilidade para partir para a orientação. Aos professores, cabe refletir sobre sua postura em sala de aula e qual é o seu papel, pois a partir desse entendimento é que conseguirão dar suporte a esses alunos considerados indisciplinados.

Ao indagarmos sobre as medidas que o professor tomava mediante o comportamento indisciplinado em sala de aula, as respostas foram divergentes:

Ele pede pra se sentar e os meninos ficam com raiva. (José)

Troca o aluno de carteira, de lugar. (Cícero)

Bota de castigo, manda pra casa. (Ana)

Ele briga, manda abrir o livro, pede para parar de brigar. (Laura)

Ele fala com a gente pra parar de brigar ou de conversar, e manda se sentar. (Carlos)

Através da resposta de cada aluno, vimos que o professor, de qualquer forma, toma uma atitude diante do comportamento indesejado. Pela declaração de José e de Carlos, percebemos que os alunos não gostam, quando o professor

manda se sentar, parece que o simples fato de mandar sentar-se, incita-os a desobedecer. Cícero em sua fala, disse que o professor muda o aluno de lugar, talvez em sua compreensão essa ação poderá resolver o problema. Segundo Moço (2009, p. 87) “É preciso chamar a atenção, mas sempre com respeito e mostrando que o grupo é que está sendo prejudicado, e não apenas você [...]”. Botar de castigo ou mandar para casa, como diz Ana, também não resolve o problema, é preciso, antes de tudo, manter sempre um diálogo aberto com as crianças a respeito das regras, morais e convencionais, pois, como diz Telma apud Moço (2009, p. 84) “[...] É sempre importante avaliar a real gravidade da transgressão”

É imprescindível que o professor aprenda, no dia a dia, a lidar e a gerenciar os conflitos que surgem no cotidiano escolar, principalmente em sua sala de aula. É lá que ele poderá utilizar todas as ferramentas possíveis e cabíveis para contornar os problemas que aparecerem. É necessário agir com sabedoria e paciência na hora de tomar decisões, pois estas farão a diferença. Portanto, coerência e firmeza são ingredientes importantes. O aluno, a partir do momento em que transgredir as regras, põe em risco todo o processo educativo, embora saibamos que os conflitos sempre existirão e o que muda é a forma de encará-los e de resolvê-los.

Considerações finais

Finalizamos este trabalho compreendendo os diversos motivos que impõem diferentes justificativas para a questão da indisciplina. A partir desse estudo, pudemos observar que as causas da indisciplina estão relacionadas a diversos fatores, tais como: a utilização de metodologias inadequadas, que não leva em consideração os saberes dos alunos, a atuação do professor em sala de aula, a desestrutura familiar, a relação professor-aluno, a falta de estímulo para permanecer em sala de aula, dentre outros.

Outro fator é a falta de autoridade em sala de aula. Conquistar a autoridade, a autonomia e o respeito do aluno com sabedoria, principalmente, quando o professor sabe gerenciar com eficiência os conflitos existentes. Sabemos que o diálogo é o melhor caminho para conduzirmos os conflitos, principalmente quando o aluno tem clareza de que é respeitado e escutado a partir das suas reais necessidades. Outra causa da indisciplina sempre discutida é a falta de limites, seja na escola ou em casa. A criança quando acha que pode fazer o que quer, sem respeitar as regras e as normas, acaba por estabelecer em sala de aula uma relação de agressão a partir da forma de falar e agir com o professor e os colegas.

A elaboração de algumas regras poderão ser discutidas, orientadas e trabalhadas como conteúdos de ensino, para que os alunos aprendam a respeitá-las e cumpri-las. Todavia, essas regras e limites não devem ser vistas como castradoras e inibidoras da autonomia do aluno, mas como instrumento de libertação e coerência na maneira de agir, já que são elas que norteiam as relações estabelecidas em todos os ambientes.

Outro fator relevante que leva à indisciplina, que percebemos a partir das leituras realizadas, é a não valorização da autonomia do aluno, ou seja, tratá-lo como mero expectador, vazio de conhecimentos, aquele que apenas recebe informações, como vimos na discussão da educação bancária. Valorizar e incentivar seus conhecimentos e iniciativas na sala de aula os ajudará a adquirir responsabilidades e a se perceberem como sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Como vimos, vários são os motivos que levam à indisciplina e em consequência disso. Quem sofre o maior impacto é o professor na sua relação com os alunos em sala de aula, desfavorecendo a prática pedagógica, pois fica impossibilitado de cumprir sua tarefa e seu papel em sala de aula.

Dentre as consequências ocasionadas pela indisciplina, estão o fracasso escolar e a evasão. Esses dois são considerados os mais graves, pois deixam marcas no aluno, além de deixá-lo com a autoestima prejudicada, levando-os a terem sentimentos de incapacidade intelectual.

Podemos concluir, mesmo que parcialmente, que não são somente os fatores internos à escola que leva à indisciplina, a família contribui para desencadear esse processo. Então podemos afirmar que, a indisciplina é causada por fatores externos e internos à escola e esses aspectos foram relevantes nas falas dos participantes desta pesquisa quando relacionaram seus comportamentos em casa e na escola.

Não há uma fórmula mágica para acabarmos com a indisciplina, mas sabemos que, através de estratégias simples e atividades diferenciadas em que o professor valorize as experiências dos alunos, sua compreensão acerca de determinados assuntos, talvez assim consiga melhorar os atos indisciplinados em sala de aula. Iniciar com a discussão e elaboração de regras e limites pode também favorecer a responsabilidade de que cada um também poderá cuidar da sua aprendizagem escolar, a partir do entendimento do que seja um comportamento inadequado para o ambiente escolar.

Manter a autoridade sem extrapolar o seu sentido, talvez seja também uma estratégia de sabermos lidar com a indisciplina, pois, dessa forma, ensinamos aos discentes que devemos promover um ambiente cooperativo e harmonioso, dando oportunidade de eles mesmos gerirem os conflitos em sala de aula quando surgirem.

Referências bibliográficas

AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.** Revista da Faculdade de Educação, vol. 24. São Paulo, 1998.

AQUINO, Júlio Groppa. **Disciplina e indisciplina como representações da educação contemporânea.** Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido,** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. E. D. A. André. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas-** Editora Pedagógica e Universitária Ltda. São Paulo, 1986.

LUFT, Celso Pedro- **Minidicionário Luft/** Colaboradores: Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira: Organização e supervisão Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.

MOÇO, Anderson. **Indisciplina Como se resolve a .** In: Revista Nova Escola. Ano XXIV nº 226 / outubro/2009.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender.** Porto Alegre: Meditação.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social, teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina Escolar: causas e sujeitos.** Editora vozes, Rio de Janeiro, 2002.

VICHESSI, Beatriz. **O que é indisciplina.** In: Revista Nova Escola. Ano XXIV nº. 226 / outubro/2009.

APÊNDICE A

01- O que você entende por indisciplina?

02- A indisciplina atrapalha a aprendizagem em sala de aula? Dê a sua opinião.

03- Qual o motivo que leva você a demonstrar um mau comportamento ou adotar atitudes reprováveis em sala de aula?

04- Em casa o seu comportamento é o mesmo de sala de aula?

05- Que medidas são tomadas pela professora, mediante o comportamento indisciplinado em sala de aula?